

NOVE NOITES

Bernardo de Carvalho

INVESTIGAÇÕES, PRESTAS ENTRE A VERDADE E A MENTIRA.

Nove Noites trata-se de uma narrativa que se apresenta como um misto de romance-reportagem e de romance-policia; uma escrita que se apóia numa obsessão investigativa, na tentativa de averiguar fatos ocultos, na busca incessante pela verdade. O texto é intrigante, promovendo a inquietação e desconfiança de seus narradores e leitores. O principal assunto do livro refere-se a um fato real: o suicídio do antropólogo americano Buell Quain, entre os índios Krahôs, em 1939, no Brasil. Esse caso, ainda tendo sido um tabu para a antropologia brasileira, foi logo esquecido, mesmo porque não foi difundido para o público. A partir de um artigo de jornal, ao tomar conhecimento da história por acaso, o narrador desse romance decide investigar as razões do suicídio, sessenta e dois anos depois.

A história trágica desse promissor antropólogo, perdida nos anos e na memória, torna-se o ponto de partida da narrativa de Bernardo Carvalho. Como recurso literário, o autor projeta em seu texto fotos e personagens da década de 30, retratando pessoas reais ou imaginárias, localizadas em espaços geográficos delimitados. Tendo como base o caso fatídico de Buell Quain, Bernardo Carvalho vai entrelaçando história e ficção, histórias mais ou menos documentadas, numa visão parcial. Diante da impessoalidade de apreender a realidade na sua totalidade, a literatura, em sua estruturação ficcional, ganha o território do incerto e do inquietante, do que ainda não foi. Em “Agradecimentos”, final de Nove Noites, o autor deixa evidente o caráter fictício de sua narrativa.

FICÇÃO A PARTIR DOS INTERSTÍCIOS DE UMA REALIDADE.

Nove Noites trata-se de uma obra que apresenta uma estrutura arquitetônica complexa, pois se assenta na alternância de duas narrativas, diferenciadas, inclusive por traços gráficos utilizados por Bernardo Carvalho.

A primeira narrativa (escrita em itálico) é conduzida por um narrador-personagem, um engenheiro-sertanejo, morador de Carolina, contemporâneo e amigo do antropólogo americano Buell Quain. A escrita desse narrador pode ser caracterizada como uma espécie de carta-testamento, endereçada a um antigo “amante-amigo” de Quain,

cujas chegada é esperada. Essa narrativa epistolar é na maioria das vezes introduzida pela frase “Isto é para quando você vier”, enunciado esse que gera suspense em torno da personalidade de um destinatário particular e ausente. Já no primeiro instante, o leitor entra numa trama de suspense com relação a esse “você”: quem seria e quando viria?

Bernardo Carvalho, além do mistério, também produz uma ambigüidade semântica atrelada ao dêitico “você”. O pronome de tratamento refere-se ao destinatário secreto ao mesmo tempo em que se dirige a qualquer um que poderia ter acesso à carta ou à narrativa e, nesse caso, o “você” passa a ser o leitor, grande personagem que tenta desvendar os enigmas do texto.

A carta-testamento representa a primeira metade da narrativa e foi escrita pelo narrador-sertanejo em meados dos anos 40, quando relembra as “nove noites” em que passara com Buell Quain. Foram nove noites que compreendem um intervalo de cinco meses, desde o dia em que os dois se conheceram até à última viagem à aldeia Krahô. Trata-se de uma carta alusiva e sinuosa, remetendo a fatos não conhecidos ou simplesmente imaginados: “O que agora lhe conto é a combinação do que ele me contou e da minha imaginação ao longo de nove noites”. Através do olhar ou da imaginação do narrador-epistolar, tem-se explicitada a intimidade do antropólogo, bem como um efeito de cumplicidade entre esse narrador e o destinatário ausente.

A outra narrativa é conduzida pelo trabalho de pesquisa e investigação empreendido por um narrador-repórter disposto a descobrir a verdade sobre o suicídio de Buell Quain. Para isso, ele não poupa esforços na busca de pistas (cartas perdidas, jornais, fotos e depoimentos de contemporâneos) que possam conduzi-lo a um desfecho. Esse narrador-jornalista visita o Xingu, misturando-se com os índios em busca de informações sobre o convívio do antropólogo com os índios Krahô, e, ainda, viaja para os Estados Unidos tentando encontrar algum parente e mais verdades sobre o suicida.

Não existe um desfecho para o suicídio de Quain e, diante de tantas informações e relatos, o narrador toma a amedrontada decisão de transformar todo material pesquisado em ficção.

A escrita do romance articula-se a partir do encontro de duas narrativas: a carta-testamento

(escrita pelo sertanejo Manoel Perna) e a investigação (poço de suposição não comprovada) feita pelo narrador-jornalista. Trata-se de um texto que se apresenta como um relato ou meta-relato, ou seja, como uma narrativa ficcional assinada por Bernardo Carvalho.

RELATO DO NARRADOR-SERTANEJO: CARTA-TESTAMENTO

O narrador-personagem nos informa que o antropólogo americano Buell Quain, seu amigo, morreu na noite de 2 de agosto de 1939, aos vinte sete anos. Trata-se de suicídio, uma morte marcada por uma violência assustadora, pois o antropólogo se cortou e se enforcou, sem explicações aparentes. Diante do horror e do sangue, os dois índios que o acompanhavam na sua última jornada de volta da aldeia para Carolina fugiram apavorados. Buell Quain deixou sete cartas impressionantes, mas que nada explicam. Ele deixou cartas para os Estados Unidos, para o Rio de Janeiro, para o Mato Grosso e duas para a cidade de Carolina, uma para o capitão, delegado de polícia, Ângelo Sampaio e outra para o narrador. Em relatos (redigidos com a ajuda do próprio narrador) para evitar um inquérito sobre a morte/suicídio, Quain foi chamado de infeliz e treloucado. Era, também, incrédulo e desconfiado.

O narrador-personagem nos relata sobre o dia da chegada do antropólogo à cidade (chamada de morta nas cartas), em maio de 1939. Quando o hidroavião da Condor chegou, todos correram para o rio. O ilustre etnólogo foi fotografado ao lado dos índios e do piloto, num momento extraordinário que foi rapidamente esquecido por todos, menos pelo narrador. O etnólogo apresentava-se por trás de uma elegância, imprópria para o lugar e a ocasião. Usava um chapéu branco, camisa branca, bombachas e botas, como se fosse o capitão de um navio. O narrador-personagem, humilde sertanejo, amigo dos índios, quando foi apresentar ao etnólogo pelo representante da Condor, nem fora notado pelo mesmo. Algum tempo depois, os dois tornaram-se aliados e amigos e, no período que antecedia a tragédia, o narrador já via nos olhos de Buell o desespero que tentava dissimular e nem sempre conseguia. O silêncio do sertanejo era a prova de sua amizade que ia conquistando Quain. O narrador conviveu com os índios desde criança e os apreciava muito, mesmo sendo considerado, por eles, um pouco louco (todos os brancos eram considerados como tal). A mesma amizade que o sertanejo dedicou aos índios também dedicou a Quain, pois tanto os índios quanto ele

estavam sós e desamparados. Nenhum fato abalou mais o narrador do que a morte de Buell, mesmo quando foi destituído das funções de encarregado do posto indígena Manoel da Nóbrega pelo Senhor, Caldo Meireles, inspetor do Serviço de Proteção aos índios, três anos depois da tragédia. Esse cargo, em defesa dos índios, havia sido conquistado com a ajuda do Dr. Buell, graças às cartas de recomendação que enviou ao Rio de Janeiro. Após o suicídio, o narrador lamenta o massacre da aldeia de Cabeceira Grossa, preparado pelos fazendeiros, que poderia ter sido impedido por Quain.

No dia 9 de agosto, de 1939, cinco meses depois que Buell tinha chegado a Carolina, no final da tarde, uma comitiva de vinte índios entrou a cidade, trazendo a triste notícia e a bagagem pessoal do Dr. Buell. O narrador, muito emotivo, conferiu os objetos do etnólogo. Entre roupas, sapatos, livros de músicas e uma Bíblia, havia um envelope com fotografias, com retratos dos negros do Pacífico Sul, dos Trumai do alto Xingu. Porém, não havia nenhuma foto de família (nem do pai, nem da mãe, nem da irmã, nem de nenhuma mulher). Os índios, com medo que pudessem ser incriminados, levaram todos os pertences do etnólogo para casa do narrador. O professor Pessoa traduziu uma das cartas, em inglês, deixada por Buell e acalmou os índios e garantiu a todos que ele não tinha nenhuma responsabilidade na trágica ocorrência. Aproximadamente, seis anos após a morte de Dr. Buell, o professor Pessoa já se diz etnólogo e se autoproclama (de uma forma medíocre e ignorante) estudioso dos Krehô, como se nunca tivesse passado nenhum etnólogo por Carolina.

O narrador também relata que uma única carta havia sido guardada por ele, pois o destinatário não era ninguém da família de Dr. Buell, nem outro antropólogo ou missionário. Ele jurou que ninguém além do destinatário (“você” oculto) poria os olhos nela. Dessa forma, com a ajuda do professor Pessoa, o narrador escreveu e enviou um bilhete cifrado ao destinatário oculto, “você”.

O narrador-personagem nos informa que Buell Quain emitira correspondências para o destinatário oculto (“você”) e esperava com muita ansiedade uma resposta. Segundo os índios, Quain, depois de receber a última correspondência, foi tomado por um profundo abatimento e queimou algumas cartas e, chorando muito, escreveu as que deixou, antes de se suicidar no meio da noite. Quain alegou ter recebido más notícias de casa e comunicou aos índios a sua decisão de não mais ficar na aldeia.

Para os índios, Quain não falou sobre nenhuma doença, pois não queria assustá-los. Já para os brancos, relatou uma doença contagiosa, pedindo-lhes que desinfetassem as cartas antes de lê-las. Os homens ilustres que assediaram e mandaram convidar Quain para a festa de fundação da Casa Humberto de Campos, agora mal se lembravam do seu nome ou de sua passagem pela cidade. Buell Quain era um homem atormentado e constrangido pela multidão, com uma expressão sempre perturbada.

Buell Quain passou nove noites na companhia do narrador personagem.

O etnólogo falou sobre uma ilha no Pacífico, onde os índios são negros, e do tempo que passou entre esses índios e de uma aldeia, chamada Nakoroka, onde cada um decidia o que queria ser, escolhendo, inclusive, sua própria família. Tratava-se de uma sociedade com leis e regras rígidas, cabendo aos indivíduos a escolha de seus papéis na mesma. Uma aldeia com traços genealógicos desconhecidos e identidades eletivas. Quain queria, num primeiro momento, estudar zoologia, interessando-se, depois, pela antropologia. Em março de 1931, na comemoração do final de semestre, o etnólogo e um grupo de amigos beberam muito e foram ao cinema. Na tela, assistiram a uma história de amor no Pacífico Sul, proibida pelas leis de uma sociedade de nativos. A partir desse episódio, Quain trancou sua matrícula da faculdade e embarcou num cargueiro para Xangai, disposto a encontrar a ilha encantada do filme. Como o narrador apresentava dificuldades para vislumbrar as descrições, Quain mostrou-lhe uma fotografia e um desenho ou retratos de dois negros muito fortes, que posaram para ele com o torso nu.

Buell Quain passou meses entre os Trumai, entre agosto e novembro de 1938. Depois, foi chamado de volta ao Rio, seguindo para Cuiabá a Simões Lopes, no Mato Grosso.

O antropólogo americano tinha pavor de ser confundido com as culturas que observava: “nada podia-lhe causar maior repulsa do que ter que viver como os índios, comer sua comida, participar da vida cotidiana e dos rituais, fingindo se um deles. Tentava manter-se afastado e, num círculo vicioso, voltava a ser observador”. Na aldeia Trumai, Quain se aproximou mais das crianças, observando seus jogos sexuais que envolviam adultos. Segundo o narrador, o sexo assombrava a solidão de Buell. Os Trumai vivenciavam um processo coletivo de autodestruição, pois, mesmo estando em vias de extinção, continuavam fazendo abortos e matando recém-nascidos. Para Quain,

“os Trumai vêem na morte uma saída e uma libertação dos seus temores e sofrimentos”. O narrador reflete sobre a identificação que o etnógrafo apresentava com os Trumai.

O narrador nos relata a inquietação existencial de Buell Quain, achando que estava sendo perseguido ou vigiado onde quer que estivesse: “Achava que existia uma rede de informações no Brasil. Não era só a polícia no Rio ou os inspetores do SPI na selva que o assombravam. Dizia que todos os seus passos eram observados desde que havia pisado no Brasil. Nunca vi ninguém tão só.” Quain vivia em busca de si mesmo ou se escondendo. Buscava um ponto de vista que não estivesse no campo de sua própria visão, vivendo como um estrangeiro para si mesmo.

Buell Quain sempre teve fascínio pelas ilhas, pelos universos isolados. Quando voltou a Carolina, no final de maio, falou sobre uma ilha que conheceu adulto. Falou sobre uma casa com vários quartos ocupados por amigos. Uma certa vez, quando chegou de um passeio solitário foi surpreendido por um desconhecido que sacou de uma máquina fotográfica e registrou a sua imagem. Quain confessou ao narrador que viera ao Brasil com a missão de contrariar a imagem revelada naquele retrato. “Havia sido traído pelo intruso e sua câmera. Não podia admitir que aquela fosse a sua imagem mais verdadeira: a expressão de espanto diante do desconhecido.” O desconhecido fotógrafo tornou-se amigo de Quain e, um dia antes do etnólogo embarcar para a selva da América do Sul, ele foi até seu apartamento disposto a fotografá-lo novamente. Agora nós leitores nos deparamos com a revelação de que esse desconhecido é o destinatário oculto das cartas de Buell.

O narrador nos relata que Buell Quain sentiu-se traído pelo homem desconhecido. Parece que o antropólogo tinha um envolvimento sexual com uma mulher e o fotógrafo também se envolveu com essa pessoa. O antropólogo e o fotógrafo eram amantes e a presença da mulher surgia como uma ameaça ao relacionamento dos dois. Diante disso, Quain resolve partir para o Brasil e o desconhecido (destinatário) foi a sua casa na cidade, determinado a fazer os retratos que ficariam como a única lembrança do amante.

Em momentos de maior distração e melancolia, Quain falava muito sobre uma mulher, sem deixar claro se era a sua própria esposa ou a mulher que propiciara o seu desentendimento com o fotógrafo. Porém, o etnólogo havia dito ao narrador que não era casado. Quain tinha uma imaginação muito fértil e sempre que desejava revelar al-

guma coisa importante apelava para a sua criatividade. Em uma de suas criações imaginárias, ele acabou por revelar que se relacionava com prostitutas.

Buell tinha uma cicatriz na barriga e dizia aos índios que era uma conseqüência de uma doença antiga, uma doença que estava voltando e se resolvia na febre. Uma certa vez, Quain declarou que seu pai era médico-cirurgião e o narrador, em uma conclusão própria, entendeu que o amigo tivesse sido operado na infância pelo próprio pai.

Nessa noite, em que estava conversando com o narrador, Buell dizia estar muito doente. Quando o dia amanheceu, levantou-se primeiro do que o amigo e já tinha preparado tudo para partir a pé com os índios, enquanto o narrador voltaria sozinho para Carolina.

O narrador chega à conclusão de que as nove noites que passara com Quain fora uma grande confissão ou a preparação para a própria morte do etnólogo. Segundo ele, Quain talvez tenha se matado para inocentar os índios, pois a sua presença na aldeia já os incriminava.

O NARRADOR JORNALISTA E O SEU DISCURSO

O narrador-personagem deparou-se com a atraente história de Buell Quain quando leu um artigo de jornal, na manhã de 12 de maio de 2001, um sábado, quase sessenta e dois anos depois da morte desse antropólogo, às vésperas da Segunda Guerra. O artigo relatava a história de um outro antropólogo, que também havia morrido entre os índios do Brasil, e citava, por analogia, o caso de “Buell Quain, que se suicidou entre os índios Krahô, em agosto de 1939”.

O narrador procurou a antropóloga que havia escrito o artigo e demonstrou sua curiosidade pelo caso do etnólogo suicida. A partir das primeiras pistas indicadas por essa mulher, o narrador começa a montar um quebra-cabeça, na tentativa de investigar a biografia e o suicídio de Buell Quain.

Buell Quain se matou na noite de 2 de agosto de 1939, no ano de abertura da Segunda Guerra. Quain não presenciou a bomba, nem a guerra, apesar de ter detectado nos índios “síndromes de comportamento cultura” análogas às leis físicas. “Quando se matou, tentava voltar a pé da aldeia de Cabeceira Grossa para Carolina, na fronteira do Maranhão com o que na época ainda fazia parte de Goiás e hoje pertence ao estado do Tocantins. Tinha vinte e sete anos.” Quain, nas

últimas horas que precederam o suicídio, escreveu aos prantos pelo menos sete cartas. Essas cartas foram endereçadas a sua orientadora, Ruth Benedict, da Universidade Columbia, em Nova York; a dona Heloísa Alberto Torres, diretora do Museu Nacional, no Rio de Janeiro; a Manoel Perna, um engenheiro de Carolina que se tornara amigo de Quain, e ao delegado de polícia da cidade Ângelo Sampaio. Outras cartas que o narrador não teve aceso foram endereçadas ao pai, Dr. Eric P. Quain, médico, recém-divorciado; outra ao missionário americano instalado em Taunay, em Mato Grosso, e uma terceira ao cunhado Charles C. Kaiser, marido de Marion, irmã de Quain. O conteúdo das cartas lidas pelo narrador retratava a tentativa do etnólogo de constituir seus executores testamentários e instruí-los sobre a disposição de seus bens, bem como o desejo de isentar os índios de qualquer culpa relacionada ao suicídio.

Buell Quain chegou ao Brasil em fevereiro de 1938 e um ano e cinco meses depois estava morto. Chegou às vésperas do carnaval, no Rio de Janeiro, e foi morar numa pensão da Lapa, reduto de vícios, malandragem e prostituição. Em princípio, Quain chegou ao país com o propósito de estudar os já conhecidos e aculturados Karajá. Mudou de planos ao conhecer um desafio maior: a realidade dos inacessíveis índios trumai, do rio Coliseu, no alto Xingu, que estavam em vias de extinção. Porém, um golpe abalou o já instável estado de espírito do etnólogo, quando sua expedição solitária aos Trumai ao longo de 1938, bem como sua pesquisa de campo foram interrompidas devido a algumas indisposições com os órgãos Governamentais do Estado Novo, culminando em seu retorno ao Rio de Janeiro, em fevereiro de 1939.

Seu retorno à capital coincidiu com a chegada de dois colegas no Brasil: Charles Wagley (que vinha estudar os Tapirapé), Ruth Landes (jovem antropóloga que já estava no país com o objetivo de estudar os negros e o candomblé da Bahia) e William Lipkind, antropólogo estudioso dos Karajá. Quain e os dois colegas eram os alunos diletos de Ruth Benedict, uma das principais representantes da corrente antropológica que ficou conhecida por associar Cultura e Personalidade.

Buell Quain, depois de se formar em zoologia, foi aceito na pós-graduação do Departamento de Antropologia de Columbia, pela Universidade de Wisconsin, em Madison. Passou seis meses na Europa e no Oriente Médio. Depois, esteve na Rússia. Em 1931, foi para Xangai, num vapor, como marinheiro. Em 1935, esteve em Fiji, no Pacífico.

co Sul. Quain, além de muito viajado e estudioso, também se interessou por literatura e música.

Em 31 de maio de 1912, nasceu Buell Hainor Quain, filho de Eric P. Quain (41 anos) e Fannie Dunn Quain (38 anos) e irmãos mais novo de Marion. A mãe (também médica) e o pai se separaram pouco antes do suicídio de Quain. O pai, inconformado, queria que a morte do filho fosse investigada, mas o processo não ia adiante, devido à constatação do suicídio. A mãe, com o auxílio de Ruth Benedict e do fundo deixado pelo filho, empenhou-se na publicação das notas que ele tomara em Fiji: além de *Flight of the Chiefs*, foi publicado outro relato sobre os dez meses passados entre os indígenas de Vanua Levu. Ela, também estudou lingüística para preparar os manuscritos que o filho havia elaborado sobre a língua dos Krahô. Era uma mulher aflita e solitária que morreu aos setenta e seis anos.

O antropólogo mencionou em suas cartas “questões familiares”, dois meses antes de se matar. Tais questões o obrigavam a interromper o trabalho com os índios e voltar aos Estados Unidos. No Brasil, Quain, assim como os outros antropólogos americanos, eram amparados por Heloísa Alberto Torres, principal responsável pelo acordo entre a Universidade Columbia e o Museu Nacional. Em uma carta endereçada a dona Heloísa, Buell dizia que estava morrendo de uma doença contagiosa e pedia que a carta fosse desinfetada quando recebida. O etnólogo pedia-lhe desculpas por não conseguir terminar sua pesquisa e cuidados com relação aos índios Krahô.

Segundo os dois índios, João e Ismael, que acompanharam Quain, guiando-o ao sair da aldeia no dia 31 de julho, sua prostração era psicológica e já se prolongava por dias. Contaram a Manoel Perna, o engenheiro de Carolina e único amigo do etnólogo na cidade, que o Buell não mostrava nenhum sintoma de doença física e que sua prostração manifestava-se desde recebera a última correspondência de casa. Numa carta que mandou para dona Heloísa, o engenheiro afirma que o suicídio estaria vinculado às questões familiares, quando Quain mostrara-se muito contrariado com as notícias recebidas.

O narrador-investigador desconfia que a morte de Quain tenha sido passional: “Devia haver outra pessoa envolvida. Ninguém pode estar totalmente só no mundo. Tinha que haver uma carta que ele revelasse os seus desejos e sentimentos.” O narrador descobre que o etnólogo teve um flerte com Maria Júlia Pourchet, embora se apresentasse como “casado”, mesmo não havendo nenhum

indício ou referência a mulher alguma em nenhum outro documento ou correspondência anterior ou posterior à sua morte. Quain era um tipo muito bonito, alto, moreno, diferente do americano normal. Numa carta à amiga Ruth Landes parecia esconder algo sobre a sua personalidade.

O narrador entrevista o professor Luiz de Castro Faria, uma das últimas pessoas vivas que conheceram Quain em sua passagem pelo Brasil. Castro Faria retratou a frieza dos americanos diante da morte de Quain, assim como as “excentricidades” do colega americano, principalmente, seus conflitos com o dinheiro.

Depois da morte de Buell Quain, quase toda a correspondência entre dona Heloísa, Manoel Perna, Ruth Benedict, a mãe e a irmã girava em torno do dinheiro deixado pelo morto. De uma forma inverossímil, Ruth Benedict foi acusada por inimigos de ter mandado Quain para o Brasil com a perspectiva de herdar seus bens, como se previsse a morte do aluno e tivesse o conhecido prévio da decisão dele de doar seu dinheiro para um fundo de pesquisa por ela administrado.

O narrador continuava suas investidas para saber se Quain era ou não casado. Segundo Castro Faria, talvez o etnólogo não fosse casado, porque do contrário teria levado uma mulher consigo para as aldeias, pois certas áreas da cultura indígena não estavam abertas aos homens. Ao invés de uma mulher, Quain, quando chegou em Cuiabá, a primeira coisa que fez foi procurar um piano. Ele era um musicólogo.

Buell afirma ter sido influenciado “pelo contato com Lévi-Strauss” ao produzir o relatório sobre os índios Krahô. Quain e Lévi-Strauss, autor do grande clássico da antropologia *Tristes Trópicos*, foram contemporâneos. Esse antropólogo francês, de formação filosófica, e Buell passaram noites conversando, em Cuiabá, o que explica o fato de o jovem americano ter procurado Strauss para desabafar quando mais precisou. Quain achava que tinha contraído sífilis em consequência de uma aventura casual com uma moça que teria encontrado durante o Carnaval no Rio e foi incentivado pelo colega francês a se tratar.

Segundo Castro Faria, ninguém podia esperar que um antropólogo moço e já consagrado fosse se suicidar no Brasil.

Castro Faria ainda diz que talvez o suicídio não tenha tido nenhuma repercussão nacional e nem mesmo foi surpreendente, nem traumatizante para as pessoas locais, exceto para os índios.

Quando Quain esteve com os mirrados e temidos Trumai, achava-os chatos, sujos e entedia-

dos, diferentemente dos nativos musculosos com que convivera em Fiji e que transformara num modelo de reserva e dignidade.

Os Trumai chamavam Quain de capitão. Esse, quando chegou na aldeia raspou a cabeça e as sobrancelhas. Mal falava a língua, e não entendia as relações de parentescos e a organização social da aldeia. Os índios roubaram todas as suas roupas, como proteção contra os mosquitos, e ele teve improvisou “trajes sumários” como um mosqueteiro. Na aldeia, a violência física não era permitida, mas uma vez, Quain quase desencadeou uma comoção social ao bater na mão de um menino que lhe roubava farinha e ao pisar sem querer no pé do outro.

Buell Quain, de volta a Cuiabá, sofreu um ataque de malária. Em sua convivência com os Trumai, o antropólogo relata: “Toda morte é assassínio. Ninguém espera passar da próxima estação das chuvas. Não é raro haver ataques imaginários. Os homens se juntam aterrorizados no centro da aldeia – o lugar mais exposto de todos – e esperam ser alvejados por flechas que virão da mata escura.”

RELATOS BIOGRÁFICOS DO NARRADOR JORNALISTA

A partir de agora, o narrador começa a relatar suas experiências na selva durante a infância, bem como a história e a morte de seu próprio pai. Trata-se do final dos anos 60, sendo o narrador ainda uma criança que viaja com o pai fazendeiro pelo alto Xingu. Nessas viagens, o menino aterroriza-se com os vôos precários, com as aventuras e as promiscuidades do pai e com o contato com os índios.

Os pais do narrador eram separados e tinham chegado a um acordo sobre a sua guarda e o seu sustento na justiça. Buell Quain também havia acompanhado o pai em viagens de negócios e a partir daí não parou mais de viajar.

Em Mato Grosso e Goiás, o pai do narrador articulava a compra de dois latifúndios no sertão, por meio de títulos definitivos do governo, na tentativa de implantar um projeto agropecuário que vigorou a partir de 1970.

O narrador começa a fazer essas reflexões sobre o Xingu, sobre o seu passado, em agosto de 2001, quando foi levado por um antropólogo até os índios Krahô, pouco depois de ter lido pela primeira vez sobre o suicídio de Quain no artigo de jornal.

Na busca por informações sobre os Krahô, o narrador encontrou um casal de antropólogos que, tendo estudado e vivido entre eles por mais dois anos, decidiu criar uma organização independente de assistência aos índios, com subsídios nacionais e internacionais. O narrador parte para a Carolina e chegando nessa cidade tinha o objetivo de conversar com o velho Diniz, “o único Krahô vivo que conhecera Quain, quando ainda era menino, e que podia me falar sobre o local em que o etnólogo fora enterrado.” Como o velho não vivia na aldeia onde o narrador seria levado, a oportunidade seria única para entrevistá-lo.

O velho Diniz disse que os índios chamavam Buell Quain de “Cãmtwyon”. Alguns índios disseram ao narrador que “Twyon” quer dizer lesma, o caracol e seu rastro. O antropólogo, estudioso dos Krahôs, já havia tido que “cãm” era o presente, o aqui e o agora, mas a combinação das duas palavras não apresentava um sentido. Buscando uma relação desse nome com a pessoa de Quain, o narrador chegou à seguinte interpretação: Na época de Quain entre os Krahô, Diniz era um menino que, curiosamente, acompanhava os passos do antropólogo.

Segundo Raimunda, a filha mais velha de Manoel Perna, que vivia em Miracema do Tocantins, a razão do suicídio de Quain estaria vinculada à descoberta de que a mulher o teria traído com o cunhado. Entre as cartas que o etnólogo deixou ao se matar, havia uma para o marido da irmã e nenhuma para a própria e nem para mãe. Dentre algumas citações, o narrador desconfiava que Quain tivera uma relação ambígua com a irmã, Marion Quain Kaiser.

Na aldeia, o narrador ficou hospedado na casa de um Krahô chamado José Maria Teinô. Na convivência com os Krahô sentia-se constrangido e ingênuo, tímido e amedrontado diante dos hábitos dos mesmos.

Diante da convivência nada harmônica do narrador com os costumes alimentares, com os rituais dos Krahôs, o mesmo chegou à seguinte conclusão: “Se para mim, com todo o terror, foi difícil não me afeiçoar a eles em apenas três dias, fico pensando no que deve ter sentido Quain ao logo de quase cinco meses sozinho entre os Krahô.” Assim como Quain não gostava da idéia de se tornar nativo, o narrador também resistia à cultura e aos rituais indígenas. “Jurei que não me esqueceria deles. E os abandonei, como todos o brancos.”

19. Morreu em 1946, Manoel Perna, afogado no rio Tocantins, durante uma tempestade, quando tentava salvar a neta. O engenheiro de Carolina e ex-

encarregado do posto indígena Manoel da Nóbrega, segundo seus dois filhos mais velhos, não deixou nenhum papel ou testamento sobre Buell Quain. Manoel Perna foi enterrado e esquecido como o etnólogo e não tendo deixado nenhum testamento o narrador imaginou a oitava carta.

O narrador relata a vida e a morte de seu pai. Trata-se do início dos anos 90 (há mais de onze anos), quando o pai foi afetado por uma doença raríssima e fatal, a síndrome de Creutzfeld-Jakob, e seu cérebro estava se tomando uma esponja. Nessa época, o narrador vivia em Paris e voltou para o Brasil para, juntamente com sua irmã, tomar conta do pai que tinha mais de sessenta anos. O pai sempre tivera uma vida desregrada e boêmia, com muitas mulheres e gastos. Chegou até mesmo a morar nos Estados Unidos com uma amante, uma funcionária cubana que cuidava de sua conta bancária. Diante das aventuras ilícitas do marido, a cubana pediu o divórcio e ficou com todos os bens americanos. O pai voltou para o Brasil, e, sozinho no Rio, passou a beber e tomar antidepressivos e calmantes ao mesmo tempo. Foi quando conheceu uma vizinha libanesa e passou a viver com a mesma relação tumultuada que abalou sua saúde.

Os filhos, com a ajuda de um médico, tiraram o pai do convívio com a libanesa e o internaram em São Paulo. Instalado em uma semi-UTI, o pai dividia o quarto com um outro doente que estava à morte. Três meses depois da internação, com a falência progressiva das funções e dos órgãos, o pai morria.

O outro paciente, companheiro de quarto do pai, era um homem sozinho e raramente recebia visitas. Trata-se de um norte-americano, como Buell Quain, que desperta a atenção do narrador. Um rapaz, contratado pela instituição de caridade que mantinha o asilo de onde viera o velho (uma sociedade criada ou missionários americanos), às vezes aparecia e lia sempre as mesmas coisas ou debatia e dizia que esperava por uma pessoa que podia chegar a qualquer instante. Segundo o rapaz-leitor:

Uma vez, quando o narrador estava no leito do pai, resolveu observar o leito do americano e perguntou em inglês se ele necessitava de alguma coisa. Num processo convulsivo, o velho apertou a mão do narrador e, alucinadamente começou a pronunciar:

Após a morte do pai, o narrador ficou três anos fora e depois voltou para São Paulo. Ao ler o nome de Buell Quain num artigo de jornal e fazendo as devidas correções ortográficas, ele descobre de quem o velho americano no hospital, quem era

a pessoa a que ele se referia e que havia esperado por tanto tempo, “Bill Cohen”. De acordo com as sondagens empreendidas pelo narrador e com o depoimento de Rodrigo (o rapaz que lia para o velho), o americano chamava-se Andrew Parsons e era um fotógrafo que tinha vindo para o Brasil, por volta de 1940. o velho fotógrafo tinha deixado um único filho nos Estados Unidos. O narrador, em suas empreendidas, manda muitas cartas para americanos, tentando desvendar o vínculo do fotógrafo com Buell Quain. Suas correspondências não tiveram êxito, pois os americanos estavam vivenciando uma época de pânico, com a derrubada das duas torres do World Trade Center e por causa das remessas de antraz em cartas anônimas enviadas pelo correio a personalidades da mídia e da política americana e até mesmo a pacatos cidadãos. O narrador vai para Nova York, na tentativa de encontrar o filho do velho americano e caso não conseguisse, estava disposto a transformar suas pesquisas e investigações em um romance, uma ficção.

Já em Nova York, o narrador em contato com Schlomo Parsons (filho do fotógrafo) observa diversas fotos do Brasil nos anos 50 e 60: “Ele me mostrou os retratos de alguns índios. Pareciam Krahô, mas podia ser de qualquer outra tribo. ‘Meu pai era fotógrafo. Passou a vida no Brasil. São índios brasileiros. Você não os reconhece?’ Diante das investigações, o narrador aceita que não havia nada que provasse uma ligação entre Quain e o fotógrafo.

No avião, de volta para o Brasil, o narrador veio ao lado de um rapaz que lia um livro. Quando sobrevoavam a região onde Quain havia se matado, o rapaz disse que era a sua primeira vez na América do Sul e entusiasmado disse que ia estudar os índios do Brasil. “Virei para o outro lado, e contrariando a minha natureza, tentei dormir, nem que se fosse só para calar os mortos.”

NOVE NOITES: “COMBINAÇÃO DE MEMÓRIA COM FICÇÃO”

Nove Noites é uma narrativa inventada a partir dos interstícios de uma realidade dada (o suicídio do antropólogo). As vozes que articulam os relatos deparam-se com as verdades precárias, fragmentadas, errantes e, diante da incerteza, a possibilidade de uma outra realidade torna-se inevitável; realidade essa apoiada na ficção. O narrador-jornalista encontra-se consciente da precariedade da verdade sobre a morte de Buell Quain, mesmo “lidando com papéis de arquivos, livros

e anotações de gente que não existia”. Existe a consciência de que os documentos, as cartas são insuficientes na decifração do que teria levado o antropólogo a se matar. Diante da impossibilidade de compreensão, de entendimento, a criação do romance aproxima-se da morte de Buell Quain e torna-se uma saída para um enigma ainda não solucionado.

A publicação do romance, sustentada por depoimentos e personalidades reais, corria o risco de cair no ridículo ou “risível”, caso surgisse algum parente de Buell Quain com “a solução de toda a história, o motivo real do suicídio”. Mas talvez nem o suicídio nem a literatura apresentem uma razão e existem mesmo diante do óbvio.

Um mês depois do suicídio de Quain, sua irmã envia uma carta a Ruth Benedict, relatando: “O fato de que nenhum de nós provavelmente jamais conhecerá os fatos torna ainda mais difícil nos desembaraçarmos deles”. Nesse embaraçamento de fatos e relatos, a figura do narrador-detetive ou narrador-jornalista torna-se essencial, quando passa a reconstituir o sentido de tais relatos, perseguindo as pegadas dos textos. Nesse trabalho de reelaboração dos fatos e idéias, o deparar com lacunas, com vazios de palavras que exigem complemento é constante e imprevisível. A partir daí, a “interpretação” do sujeito detetive tenta resolver o problema ao incluir outras idéias julgadas como supérfluas, diante do discurso que se queira recuperar.

No início da narrativa, o leitor ou o interlocutor, já se deparam com uma advertência de que toda verdade é movediça e incompleta, estando, portanto perdida em contradições e disparates. A construção literária de *Nove Noites* está marcada por essa verdade movediça, uma vez que as cartas, os relatos encontrados são diversos e fragmentos. E, mais do que isso, as provas documentais ao chegarem às mãos dos narradores encontram-se submetidas ao “saber”, ao olhar de um outro dono, de um outro proprietário. A objetividade dos documentos torna-se “objetiva” em mãos outras. As vicissitudes individuais são passadas de um eu para um outro.

O olhar redator do presente capta interesses passadistas que podem ser deturpados por uma visão que se justifica embaralhada a exausta com o fluir dos tempos. Nesse transcurso, a “incerteza” ganha espaço em um discurso contaminado pelo esquecimento, por uma memória falha: “Mas antes deixo este testamento para quando você vier e deparar com a incerteza mais absoluta.”

Nove Noites não é uma escrita fixa, e em seu processo de mutação admite uma mobilidade em seu caráter interpretativo. Não existe um relato único, existe a fragmentação, em que histórias paralelas passam a se dialogar. O relato assume uma dimensão instável quando se reporta ao passado, ao tentar ser organizado e objetivo. No resgate do passado, a plenitude e a neutralidade não são mais marcas precisas, mais impressões que podem ser articuladas de acordo com a visão que se queira estabelecer no presente, através da ótica de um outro eu.

O narrador-epistolar não se deixa iludir pela veracidade dos documentos “oficiais”, não acreditando que apenas um resumo recupere todos os acontecimentos do passado. Com isso, o relato incorpora aspectos de uma narração, aliando-se a ficção, articulando-se enquanto discurso que se prolifera através do vazio.

Nesse recurso, até que ponto a história oficial seria realmente contada, considerando-se as lacunas, as ausências de palavras nesse universo de microtextos? “As histórias antes de tudo da confiança de quem as ouve, e da capacidade de interpretá-las. E quando você vier estará desconfiado.”

A memória textual individual vinculada à memória textual coletiva, juntas, estabelecem uma interlocução com o estilo de um sujeito que se apropria de vozes, ecos passados dentro de sua metaficção. “O que lhe conto é uma combinação do que ele me contou e do que eu imaginei. Assim também, deixo-o imaginar o que nunca poderei lhe contar ou escrever.”

EXERCÍCIOS

01) A partir da leitura da obra *Nove noites*, é INCORRETO afirmar que:

- O relato do narrador-jornalista desdobra-se em três tempos diferentes articulados pelo enigma da morte de Buell Quain.
- O narrador-epistolar apresenta uma escrita fidedigna com relação aos depoimentos do antropólogo americano.
- O engenheiro sertanejo escreve em meados dos anos 40, quando pressente a iminência da própria morte e relembra as “nove noites” em que estivera com o etnólogo.
- O jornalista que escreve em 2002 não é o único a ocupar a posição de narrador.

02) Todas as alternativas apresentam características de Nove noites, de Bernardo Carvalho, EXCETO:

- a) Virtualmente, o “você” a quem a carta se dirige inclui não apenas o esperado amante de Quain, como também qualquer um que esteja em posição de lê-la.
- b) Nessa narrativa tudo é ou se torna suspeito; todas as personagens aparentam saber mais do que dizem e toda a investigação parece estar fadada a não descobrir e sim e encobrir.
- c) O narrador-jornalista é o único personagem que apresenta um discurso verossímil, isento de suspeitas e de motivos secretos.
- d) Esse romance retrata a morte violenta e inexplicável que se impôs o jovem antropólogo Buell Quain.

03) Com base na leitura de Nove noites, de Bernardo Carvalho, é INCORRETO afirmar que, nessa obra, a linguagem:

- a) Reflete uma alternância de fragmentos jornalísticos e tons memorialísticos.
- b) Manifesta-se através de tempos que coexistem, num ritmo quebrado e não linear.
- c) Apresenta-se em diversas passagens como descritiva e objetiva.
- d) Afirma-se na teatralidade que veicula o comportamento das personagens.

04) A partir da leitura da obra Nove noites, de Bernardo Carvalho, é INCORRETO afirmar que:

- a) O suicídio de Buell Quain trata-se do ponto de partida dessa narrativa: um caso trágico, perdido nos anos e na memória.
- b) O autor insere fotos e personagens da década de 30 na história, como pessoas reais e de um fato real e registrado.
- c) Buell Quain é personagem do mundo real, etnólogo reconhecido que deixou estudos antropológicos e documentação importante sobre a língua Krahô, falada por indígenas brasileiros.
- d) Buell Quain conviveu com os mais ilustres antropólogos que lhe foram contemporâneos, como o Professor Castro Faria e Lévi-Strauss..

05) Sobre a narrativa Nove noites, é INCORRETO afirmar que:

- a) Os três tempos do relato do narrador-jornalista não absorvem aspectos que marcam a vida do antropólogo americano.
- b) Em seu primeiro parágrafo uma advertência ao leitor ou ao pesquisador que decidiu investigar as razões do suicídio do antropólogo: trata-se de um

território do indiferenciado, em que falso e verdadeiro combinam.

c) O narrador-repórter, em busca de respostas sobre a morte de Quain, entrevistou parentes e antropólogo, pesquisou documentos e concluiu que imigrar do jornalismo para a ficção era uma saída honrosa.

d) Ao procurar traços da identidade de Quain, o narrador-jornalista expõe a própria intimidade e os mecanismos da criação literária.

06) Todas as alternativas retratam questões abordadas pela obra Nove noites, de Bernardo Carvalho, EXCETO:

- a) Choque cultural.
- b) Memorialismo.
- c) Nacionalismo xenófobo.
- d) Verdade e mentira.

07) Todas as alternativas apresentam uma relação corretamente estabelecida entre as personagens de Nove noites e suas características principais, EXCETO:

- a) Manoel Perna – o silêncio do sertanejo era a prova de sua amizade que ia conquistando Quain.
- b) Ruth Landes – jovem geógrafa que estava no Brasil com o objetivo de estudar os rios e florestas da região norte.
- c) Professor Pessoa – traduziu uma das cartas, em inglês, deixada por Buel e acalmou os índios, garantindo que eles não tinham nenhuma responsabilidade na tragédia.
- d) Buell Quain – achava que estava sendo perseguido ou vigiado onde quer que estivesse e era marcado por uma inquietação existencial.

08) Sobre o enredo de Nove noites, todas as alternativas estão corretas, EXCETO:

- a) O antropólogo se cortou e se enforcou, sem explicações aparentes. Diante do horror e do sangue, os dois índios que o acompanhavam na sua última jornada de volta da aldeia para Carolina fugiram apavorados.
- b) Na bagagem pessoal de Quain, o narrador encontrou roupas, sapatos, livros de música e uma Bíblia. Havia, também, um envelope com fotografias, com retratos dos negros do Pacífico Sul e dos Trumais do alto Xingu.
- c) Quain, antes do suicídio, alegou ter recebido más notícias de casa e comunicou aos índios a sua decisão de não mais ficar na aldeia.
- d) Quain, em momentos de maior distração e melancolia, falava muito sobre a sua mulher e seus filhos.

09) Todas as alternativas contêm afirmações corretas sobre a história de Buell Quain, EXCETO:

- a) O antropólogo se matou na noite de 2 de agosto de 1939, no ano de abertura da Segunda Guerra.
- b) Quain, nas últimas horas que precederam o seu suicídio, escreveu aos prantos pelo menos sete cartas.
- c) Buell Quain chegou ao Brasil em fevereiro de 1938 e cinco meses depois estava morto.
- d) Buell chegou ao Brasil às vésperas do Carnaval, no Rio de Janeiro, e foi morar numa pensão da Lapa, reduto de vícios, malandragem e prostituição.

10) Todas as passagens, do romance Nove noites, evidenciam uma combinação entre memória e imaginação, EXCETO:

- a) “O que agora lhe conto é a combinação do que ele me contou e da minha imaginação ao longo de nove noites.”
- b) “Mas a idéia de uma relação ambígua com a irmã, embora imaginária, nunca mais me saiu da cabeça, como uma assombração cuja verdade nunca poderei saber.”
- c) “Assim como o que tento lhe reproduzir agora, e você terá que perdoar a precariedade das imagens de um humilde sertanejo que não conhece o mundo e nunca viu a neve e já não pode dissociar a sua própria imaginação do eu ouviu.”
- d) “Meu pai morreu há mais de onze anos, às vésperas da guerra que antecedeu a atual e que de certa forma a anunciou. Hoje, as guerras são permanentes.”

11) Assinale a opção INCORRETA sobre Nove noites:

- a) Ao procurar traços da identidade de Buell Quain, o Autor embarca numa expedição paranóica, expondo a própria intimidade e os mecanismos da criação do próprio romance.
- b) Em busca de respostas, o Autor entrevistou antropólogos e a própria família do suicida, pesquisou documentos e arquivos, participando, inclusive, de uma expedição à aldeia dos índios Krahô.
- c) Paralelamente ao relato do narrador, o romance apresenta uma espécie de carta deixada por um engenheiro, Manoel Perna, cujo destinatário, supostamente, estaria a par dos motivos do suicídio de Quain.
- d) As personagens, na maioria das vezes, aparentam saber mais do que dizem; toda a investigação parece estar fadada a não descobrir, mas determinada a deliberadamente encobrir.

12) Há momentos, em Nove noites, em que o narrador (Autor) tece comentários sobre o tipo ou o gênero de sua própria narrativa, como exemplificam todas as passagens abaixo, EXCETO:

- a) “Tentei lhe explicar que pretendia escrever um livro e mais uma vez o que era um romance, o que era um livro de ficção (e mostrava o que tinha nas mãos), que seria tudo historinha, sem nenhuma consequência na realidade.”
- b) “As minhas explicações sobre o romance eram inúteis. Eu tentava dizer que, para os brancos que não acreditavam em deuses, a ficção servia de mitologia, era o equivalente aos mitos dos índios, e antes mesmo de terminar a frase, já não sabia se o idiota era ele ou eu.”
- c) “Duas vezes entrevistei Lévi-Strauss em Paris, muito antes de me passar pela cabeça que um dia viria a me interessar pela vida e pela morte de um antropólogo americano que ele conhecera em sua breve passagem por Cuiabá, em 1938.”
- d) “Tomei o avião para Nova York com pelo menos uma certeza: a de que, não encontrando mais nada, poderia por fim começar a escrever o romance. No estado de curiosidade mórbida em que eu tinha me enfiado, acreditava que a figura do filho do fotógrafo podia por fim me desencantar.”

13) Em todas as alternativas, o medo e o clima de terror referidos ajuntam-se a uma mesma época histórica, EXCETO:

- a) “Numa carta de março de 1939 a Ruth Benedict, Landes diz que vive num estado de absoluta solidão emocional de duas semanas de horror. Menciona uma carta anterior em que teria relatado à orientadora a história de espionagem na Bahia. Se você não as recebeu, ela deve ter se extraviado, mais ou menos deliberadamente.”
- b) “É por uma infeliz coincidência, toda essa correspondência chegou aos destinatários justamente no momento em que os Estados Unidos entraram em pânico por causa das remessas de antraz em cartas anônimas enviadas pelo correio a personalidades da mídia e da política americana até mesmo a pacatos cidadãos.
- c) “A vésperas da guerra, havia também um forte sentimento antiamericanista no ar, e os jovens antropólogos de Columbia, já muito mais acuados, desamparados e solitários”.
- d) “A situação dos estrangeiros no Brasil do Estado Novo era delicada. A impressão era que estavam vigilância permanente.”

14) Em todas as passagens, extraídas de Nove noites, os termos em destaque são de procedência indígena, EXCETO em:

- a) “Seu rosto lembrava o dos índios sul-americanos mal-encarados das aventuras do Tintim”.
- b) “...não me lembrei de ligar o gravador quando o velho Diniz respondeu: Cãmtwyon”
- c) “Me chamavam de branco: Cupen, cupen”.
- d) “...apareceu com uma bola besuntada de urucum nas mãos...”

15) No decorrer da narrativa de Nove noites, são aventadas várias hipóteses sobre a(s) causa(s) do suicídio de Buell Quain, EXCETO:

- a) A suposta desilusão sofrida por uma traição amorosa.
- b) A suspeita de ter contraído uma doença contagiosa e incurável.
- c) O estado de desespero e de terror que dele parece ter tomado conta.
- d) A possível decepção com os resultados de suas pesquisas.

16) A leitura de Nove noites, só NÃO permite depreender que Buell Quain era um sujeito

- a) Arredio.
- b) Desprendido.
- c) Introspectivo.
- d) Ganancioso.

17) NÃO se verifica, na composição de Nove noites,

- a) Recorrência do flash-back.
- b) Uso de termos chulos e coloquialismos.
- c) Utilização do discurso direto.
- d) Linearidade narrativa.

18) Assinale a alternativa que apresenta um comentário INCORRETO sobre a narrativa de Bernardo Carvalho:

- a) Em Nove noites, as ameaças de uma guerra prestes a acontecer, o arbítrio do governo de Vargas e, finalmente, a intranquilidade dos tempos em que a narrativa é construída dão um tom de medo e opressão a circular o relato.
- b) Na construção desse relato ficcional de histórias reais, aparece toda uma série de reflexões sobre temores e culpas, sobre os mistérios da vida e da morte, sobre as razões que tornam o viver muito perigoso.
- c) No decorrer da narrativa, feita a partir de dois pontos de vista, os fragmentos de um e de outro relato vão se configurando e se ajustando até que,

ao final, uma espécie de quebra-cabeça é completado pelo leitor.

d) A narrativa, sinuosa e repleta de ambigüidades, propõe múltiplos graus de compreensão, oferecendo ao leitor várias camadas de leitura, convidando-o a completar o texto com o seu próprio repertório.

19) Em todas as alternativas, há elementos relevantes na narrativa de Nove noites, EXCETO em:

- a) Conflitos conjugais.
- b) Repressão política.
- c) Questionamento existencial.
- d) Diversidades culturais.

20) Assinale a alternativa que apresenta um comentário inadequado sobre Nove noites:

a) A narrativa apresenta-se como um misto de romance-reportagem e de romance policial, selada pela obsessão investigativa e pelo suspense do andamento das descobertas, que é, em parte, sustentado pelo minucioso balizamento das datas e das circunstâncias da investigação.

b) O romance é muitas vezes marcado pela ótica introspectiva: o narrador revela o protagonista em meio às suas fragilidades, aos seus dramas interiores, vivenciando situações limite, de abandono, de profunda angústia e depressão, com intensa carga sentimentalista.

c) O relato do jornalista, embora caracterizado pela circunspeção, apresenta momentos marcados pelo humor e pela ironia, particularmente nos episódios em que rememora a sua infância com o pai aventureiro e naqueles passados junto ao Krahô.

d) A narrativa estrutura-se, basicamente, em torno de frases simples e objetivas, sem artificialismos: à linguagem é dado um tratamento informal, ausente, portanto, de experimentações e preciosismos.

21) Leia os fragmentos abaixo, extraídos de Nove noites:

“Cãmtwyon. É como eles chamam o americano. (...) me disseram que twyon queria dizer lesma, o caracol e seu rastro. O antropólogo já havia me dito que cãm era o presente, o aqui e o agora, mas ninguém conseguia saber o sentido da combinação daquelas duas palavras. (...) Decidi-me por uma interpretação selvagem e um tanto moral: Cãmtwyon passou a ser, para mim, ao mesmo tempo a casa do caracol e o seu fardo no mundo, a casca que ele carrega onde quer que esteja e que também lhe serve de abrigo, o próprio corpo, do qual não pode se livrar a não ser com a morte, o seu aqui e o seu agora para sempre.”

Redija um texto, RELACIONANDO esse fragmento à personalidade de Buell Quain.

22) Redija um texto, JUSTIFICANDO o título do romance de Bernardo Carvalho, Nove noites.

23) Leia a passagem a seguir, extraída de Nove noites, e o poema “Erro de português”, de Oswald de Andrade:

“No final da tarde em que chegamos, logo depois de me instalar, saí à procura do antropólogo e do seu filho, que ficaram em outra casa. Encontrei-os de short e sandália havaiana (em Roma como os romanos), com os corpos pintados de urucum, sentados em frente à casa do pajé, Afonso Cupô, um sujeito enorme, sempre sorrindo, com cara de bonachão, e que em geral não dizia nada mas que, no dia seguinte, bêbado, acabou me encurralando num canto e me fez prometer que lhe daria cinquenta reais antes de ir embora”.

Erro de português

Quando o português chegou

Debaixo duma bruta chuva

Vestiu o índio

Que pena

Fosse uma manhã de sol

O índio tinha despido

O português

Redija um texto, ESTABELECENDO uma possível analogia entre o poema de Oswald de Andrade e as descrições e os comentários feitos ao longo do romance de Bernardo Carvalho sobre a situação em que se encontram os indígenas brasileiros.

24) Em certo momento de seu relato sobre as Nove noites que passou ao lado de Buell Quain, Manoel Perna escreve: “O que lhe conto é a combinação do que ele me contou e da minha imaginação ao longo de Nove noites”. Redija um texto, COMENTANDO a relação entre realidade e ficção em Nove noites.

25) Redija um texto, JUSTIFICANDO a seguinte afirmativa sobre Nove noites: a narrativa de Bernardo Carvalho, embora enfoque relatos de épocas pretéritas, permite o cruzamento dessas épocas com a mais atual, efetivando variados pontos de semelhança entre elas.

GABARITO

1. B

2. C

3. D

4. B

5. A

6. C

7. B

8. D

9. C

10. D

11. (B) O narrador (Autor) não entrevista os familiares de Quain, embora tenha tentado averiguar se os sobrinhos do antropólogo ainda se encontravam vivos.

12. (C) Notar que, nos outros fragmentos, há uma referência direta e explícita ao gênero da narrativa: romance.

13. (B) As alternativas a, c e d referem-se ao clima de repressão da era Vargas, enquanto a alternativa b refere-se ao clima de terror mais atual que tomou conta dos Estados Unidos.

14. (A) O termo associa-se a uma personagem de histórias em quadrinhos.

15. (D) Embora Buell Quain tenha dado algumas mostras de insatisfação sobre o andamento de seus trabalhos, não se cogita esse tipo de insatisfação como motivo para o seu suicídio.

16. (D) Pelo contrário, o etnólogo era desprezado, não se importava com dinheiro.

17. (A) A narrativa recorre à técnica do flash-back.

18. (C) Ao final da narrativa, os mistérios que cercam a morte de Quain permanecem insolúveis.

19. (A) Embora na narrativa haja comentários sobre o divórcio dos pais de Quain, os conflitos amorosos e/ou conjugais não têm relevância em Nove noites.

20. (B) A escrita é marcada pela objetividade, sem quaisquer derramamentos emotivos, sentimentais.

21. A imagem do caracol, que se fecha em sua casa, associa-se ao antropólogo, caracterizado, ao longo de Nove noites como alguém fechado, solitário, que gostava de viver isolado, carregando seu próprio fardo.

22. O título do romance relaciona-se ao relato feito pelo sertanejo Manoel Perna das Nove noites em que ele passou ao lado de Buell Quain.

23. Ambos os textos evidenciam o processo de aculturação por que passaram os índios, subjugados pela civilização branca. O texto de Carvalho expõe, ironicamente, a forma com que os índios passaram a se vestir, usando calção e sandálias

havaianas –além de revelar os males trazidos com os civilizados, como a dependência do álcool e do dinheiro, assim como Oswald sugere também, por meio da expressão “vestiu o índio”, a perda da identidade do povo silvícola com a chegada dos brancos.

24. Embora Nove noites tenha como base histórias factuais, depoimentos e entrevistas com personagens históricos e ainda vivos, o relato dos acontecimentos, de modo geral, é filtrado pela subjetividade do narrador(Autor), que afirma inclusive, ao final de sua narrativa, tratar-se de um livro de ficção. Nove noites pode ser entendido como “uma combinação de memória e imaginação – como todo romance, em maior ou menor grau, de forma mais ou menos direta”. Cabe lembrar que o texto redigido por Manoel Perna fora também imaginado, uma vez que narrador afirma que o engenheiro amigo de Quain não deixou, quando morreu, nenhum testemunho por escrito.

25. Com efeito, a narrativa de Bernardo Carvalho evidencia que o medo e a opressão circulam em todas as épocas, em maior ou menor grau: a iminência de uma guerra em âmbito mundial e o regime ditatorial de Vargas, no final dos anos 1930, assemelham-se ao clima de ameaças, a uma guerra prestes a acontecer e à inquietude dos tempos em que a narrativa é construída.

<p>A Vestibulando Web Page agradece à Prof. Carla Fagundes pela análise da Obra “Nove Noites” e pela autorização para disponibilizá-la no site.</p>
